

A DESCOLONIZAÇÃO DOS CORPOS COMO POTÊNCIA DE EXPRESSIVIDADE

Martins, Morgana Fernandes;
Doutora em Artes Cênicas – UNIRIO;
morganafmartins@gmail.com;

RESUMO

O modo como o colonialismo determinou a visão sobre o corpo é marcada pelo patriarcado e pelo racismo. Essa condição orquestrada e arbitrariamente imposta desde a invasão dos europeus em território latino americano inscreve no corpo, até os dias atuais, lugares de hierarquia e de poder. O corpo subalternizado, mediado pela condição colonial, é um corpo encarcerado, aprisionado em contextos que o conduzem para a fuga de sua identidade e potência de sua expressividade. Um corpo desconectado das suas relações com a natureza e a cultura é um corpo sem voz operante e, muitas vezes, vítima e reprodutor das opressões da estrutura dominante. O silenciamento colonial é o silenciamento do extermínio, onde corpos são dizimados de maneira física e simbólica, através do atentado contra o próprio corpo e do epistemicídio de saberes culturais não hegemônicos.

Diante deste panorama, esta investigação propõe reconhecimento e estímulo das potencialidades expressivas do corpo por meio de processos de descolonização. O ponto inicial dessa pesquisa consiste na busca por matérias teóricas que dialogam com o tema e propõem direcionamentos para a composição de sua proposta. Este estudo se fundamenta nas pesquisas de Wanderson Flor do Nascimento e o conceito da Bioética de Intervenção, que sugere politizar o modo de lidar com os conflitos biotecnocientíficos, sociais, ambientais e sanitários, inseridos na realidade latino-americana. Colabora com esta investigação, também, a obra de Zeca Ligiéro, *Corpo a Corpo*, 2011,

através das reflexões sobre o Cantar-Dançar-Batucar nas performances brasileiras e na ideia de ritual como expressividade dos corpos. Conceitos de Leda Maria Martins como Oralitura, referente à performance da oralidade, Corpo-tela, a corporeidade sob diversos prismas e Encruzilhada, o lugar do trânsito e cruzos na produção de conhecimento, também sustentam base dessa investigação. Além desses autores e suas respectivas produções, o conceito de Educação Libertadora de Paulo Freire colabora com a mediação do diálogo entre as etapas deste processo investigativo.

Em um segundo momento, será realizada uma pesquisa de territórios onde os corpos se expressam através de suas relações com a natureza e a cultura por meio de ritos, festividades e tradições vivenciadas em seu contexto. O conhecimento sobre as práticas existentes nestes territórios conduzirá a reflexão sobre os corpos que os habitam e como eles expressam suas identidades culturais libertas da manipulação colonial. A abrangência e os locais de pesquisas desses territórios serão definidos no decorrer da segunda etapa deste estudo.

De maneira concomitante, a reflexão se estende para a compreensão do corpo que cria e produz arte e quais são os fundamentos de suas manifestações expressivas. Diante de um contexto colonial e opressor é necessário o questionamento sobre as produções artísticas e se essas, de diversas formas, alimentam discursos da estrutura dominante, consciente ou inconscientemente. O estudo sobre territórios de manifestações culturais não dominantes pode servir de material de reflexão sobre o fazer artístico e a forma como seus processos podem valorizar a diversidade cultural de maneira desierarquizadora.

Para além do campo das artes, é perceptível a urgência pela busca por saberes plurais, que identificam a importância do conhecimento que habita os corpos. No âmbito acadêmico ainda persiste a ideia de que conhecimentos se legitimam apenas na sua forma escrita e que saberes originados por meio da oralidade e corporeidade são colocados em segundo plano. Esse modo de operação silencia um campo infinito de saberes que são transmitidos através

de canções, contos, danças, rituais e carregam consigo um conteúdo universal fundamental para o reconhecimento de identidades plurais.

Na lógica colonial, o corpo está pré-destinado a lugares demandados pela estrutura de poder e a prática da descolonização vem para quebrar com essa imposição. Uma sociedade que não hierarquiza corpos e seus saberes opera na coexistência. Territórios não colonizados propõem alternativas para os corpos e esses podem transitar por diversos lugares em busca de acolhimento de saberes e experiências. Quanto maior a diversidade da vivência do sujeito, menor o risco de hierarquização dos corpos, pois neles se reconhecerá valores próprios de sua cultura e suas contribuições para a sociedade. A potência da expressividade do corpo só é alcançada na libertação de seu silenciamento e a arte pode ser uma ferramenta eficaz para essa prática.

Palavras-chave: Descolonização; Corpo; Expressividade; Diversidade.